

**Artigo****Modos de viver, partilhar e construir experiências na Pedagogia Griô****Ways of living, sharing and building experiences in the Griot pedagogy****Modos de vivir, compartir y construir experiencias en la Pedagogía Grió****Luciana de Araújo Pereira¹, Charles Maycon de Almeida Mota², Fabrício Oliveira da Silva³**

Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Salvador-BA, Brasil

Resumo

Este trabalho aborda a oralidade como princípio educativo da Pedagogia Griô a partir das memórias da comunidade quilombola Remanso/BA. Tem como objetivo central analisar, nas narrativas dos protagonistas da Trilha Griô do Quilombo, à luz das práticas e eventos de letramento, a importância da tradição oral para a manutenção da memória coletiva e da identidade do grupo. Memória, identidade e tradição oral de ensinamentos emergem como categorias principais que dão contorno às discussões sobre a Pedagogia Griô. É um estudo que se fundamenta nos princípios da pesquisa qualitativa por revelar modos de viver, partilhar, narrar e construir sentidos para as experiências vividas e memorializadas por uma comunidade. Nesta seara, as entrevistas foram elementos fundantes para que se pudesse revelar saberes e práticas orais como forma de ensinamentos entre sujeitos de diferentes gerações. Entre alguns resultados, o trabalho permitiu concluir que ouvir os mais velhos e reconhecê-los como fonte de memória é cuidar da própria história da comunidade. É uma forma de usar a oralidade para valorizar aqueles que formaram este povo que tem orgulho de suas conquistas, e que por este feito constroem uma Pedagogia Griô, que tem na oralidade seu fundamento basilar. Conclui-se, ainda, que a escola é o lócus principal para se adquirir conhecimento na comunidade, mas para isso ela não deve se distanciar da cultura local, das suas tradições, da maneira da comunidade pensar e de suas práticas, uma vez que, tradição cultural ainda resiste no cotidiano destas populações.

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade - PPGEduC da Universidade do Estado da Bahia - UNEB.

Grupo de Pesquisa Docência, Narrativas e Diversidade na Educação Básica – DIVERSO.

ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0002-3439-0583>

E-mail: luckk_fsa@hotmail.com

² Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade - PPGEduC da Universidade do Estado da Bahia - UNEB.

Grupo de Pesquisa Docência, Narrativas e Diversidade na Educação Básica – DIVERSO.

ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0001-5927-3466>

E-mail: charlesmaycon22@hotmail.com

³ Professor Adjunto da Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS. Coordenador e membro do Núcleo de Estudos e Pesquisa Universitária – NEPPU. Vice-líder do Grupo de Pesquisa Docência, Narrativas e Diversidade na Educação Básica – DIVERSO.

ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0002-7962-7222>

E-mail: faolis@uol.com.br

Abstract

This work approaches orality as an educational principle of the pedagogy of the griot from the memories of the quilombola community Remanso / BA. Its main objective is to analyze the importance of the oral tradition for the maintenance of collective memory and the identity of the group in the narratives of the protagonists of the Trail Griô do Quilombo, in the light of literacy practices and events. Memory, identity, and oral tradition of teachings emerge as major categories that give shape to discussions about griot pedagogy. It is a study that is based on the principles of qualitative research for revealing ways of living, sharing, narrating and constructing meanings for the experiences lived and memorized by a community. In this field, the interviews were foundational elements for revealing knowledge and oral practices as a form of teaching among subjects of different generations. Between some results, the study concluded that listening to the elders and recognizing them as a source of memory is taking care of the community's own history. It is a way of using orality to valorize those who formed this people who are proud of their conquests, and that for this purpose they construct a griot pedagogy, which has in its orality its basic foundation. It is also concluded that school is the main locus for acquiring knowledge in the community, but for this it should not distance itself from local culture, its traditions, community thinking and practices, cultural tradition still resists in the everyday life of these populations.

Resumen

Este trabajo aborda la oralidad como principio educativo de la pedagogía grió a partir de las memorias de la comunidad quilombola Remanso/BA. En la narrativa de los protagonistas del Camino Grió del Quilombo, a la luz de las prácticas y eventos de letramiento, la importancia de la tradición oral para el mantenimiento de la memoria colectiva y de la identidad del grupo. Memoria, identidad y tradición oral de enseñanzas emergen como categorías principales que dan contorno a las discusiones sobre la Pedagogía Grió. Es un estudio que se fundamenta en los principios de la investigación cualitativa por revelar modos de vivir, compartir, narrar y construir sentidos para las experiencias vividas y memorizadas por una comunidad. En esta metodología, las entrevistas fueron elementos fundantes para que se revelase saberes y prácticas orales como forma de enseñanzas entre sujetos de diferentes generaciones. Entre algunos resultados, el trabajo permitió concluir que oír a los mayores y reconocerlos como fuente de memoria es cuidar de la propia historia de la comunidad. Es una forma de usar la oralidad para valorar a aquellos que formaron a este pueblo que tiene orgullo de sus conquistas, y que por este hecho construyen una pedagogía grió, que tiene en la oralidad su fundamento basilar. Se concluye que la escuela es el locus principal para adquirir conocimiento en la comunidad, pero para ello no debe distanciarse de la cultura local, de sus tradiciones, de la manera de la comunidad pensar y de sus prácticas, ya que, la tradición cultural todavía resiste en el cotidiano de estas poblaciones.

Palavras-chave: Narrativas, Pedagogia Griô, Tradição oral.

Keywords: Narratives, Griot Pedagogy, Oral tradition.

Palabras clave: Narrativas, Pedagogía Grió, Tradición oral.

Introdução

Num contexto em que o poder está de muitas formas associado à palavra escrita, consideramos importante neste trabalho propor uma reflexão acerca da transmissão oral de cultura e conhecimento a partir de alguns apontamentos que avaliamos indispensáveis no tocante ao papel da oralidade e da tradição no contexto atual, sem, no entanto, deixar de abordar a revitalização da cultura oral como ação pedagógica para subsidiar a prática educacional.

Antes do uso de qualquer sinal gráfico como forma de comunicação, o ser humano recorreu ao gestual e à oralidade. Os primeiros sons evoluíram para a linguagem oral, forma de comunicação que por séculos foi utilizada para a

manutenção das ciências e das tradições, tendo nos idosos a figura dos guardiões, dos transmissores de um conhecimento acumulado por gerações de antepassados e dos saberes e histórias preservados, em sua memória, como patrimônio imaterial.

Nesses termos, é válido destacar que a tradição oral, no século XX, sofreu um “esquecimento” que os pensadores atribuem a várias questões, principalmente ao predomínio da comunicação escrita na sociedade contemporânea. Se antes Walter Benjamin (1986) atribuía o “esquecimento” da tradição oral ao contexto de guerra, as contribuições teóricas propostas por Pierre Nora (1993) nos permitem inferir que este “esquecimento” está relacionado às imposições da história de cunho oficial e nacionalista então dominante, que é questionada por grupos sociais que não percebem uma correspondência entre suas memórias e a história oficial apresentada, desencadeando assim, um movimento definido por Nora (1993) como a crise da história-memória, que teve como elemento fundamental para sua instauração o processo de globalização, principalmente, por facilitar o acesso à informação para os mais variados sujeitos e grupos sociais. Fatores como a globalização, a institucionalização da educação e a escrita se apresentam como fenômenos responsáveis pela perda da capacidade de transmitir experiências. Nessa perspectiva, quando a experiência não pode ser transmitida, não compromete apenas a memória de uma sociedade e a percepção de um povo como sujeito de um viés histórico, mas também o próprio processo educacional.

Desta forma, é relevante, neste momento, discutir as visões que se traçam da oralidade, principalmente em face da cultura que se autodenomina “alta”.

Considerando que oralidade e letramento⁴ são práticas socioculturais construídas e utilizadas em contextos sociais, políticos e educacionais, foi elaborada uma proposta a partir das experiências educativas desenvolvidas na comunidade quilombola Remanso, proposta essa que valorizava significativamente a oralidade como prática social de produção de conhecimentos no campo da educação. Trata-se, portanto, do nascedouro de estudo que abordava algumas reflexões em torno dos temas tradição oral, letramento e sua correlação com a vida social da comunidade, a partir das narrativas orais de vida de pessoas representativas da tradição da cultura local.

Após a aproximação com a comunidade quilombola Remanso/BA, foi possível vivenciar uma experiência significativa de aprendizagem possibilitada pela Trilha Griô do Quilombo, uma caminhada que constitui um ritual de vínculo e aprendizagem que objetiva gerar renda e proporcionar um turismo diferenciado, pautado no contato com afrodescendentes e mestres de saberes e fazeres de tradição oral locais, tais como sanfoneiros, parteiras, garimpeiros, pais de santo, pescadores e contadores de história. Além disso, esta trilha envolve também cantigas, danças, símbolos, mitos, artes, ofícios e ciências da vida de tradição oral da comunidade. De acordo com Pacheco (2006):

A riqueza afetiva e cultural do ritual de vínculo e aprendizagem fala e toca no eterno, no vínculo entre os seres e a natureza, na relação com a divindade. Os afetos e os saberes vividos são expressos e apreciados revelando a beleza em diversas linguagens artísticas e ofícios artesanais locais: pinturas e desenhos com as cores da

⁴ Concepção de letramento que enfatiza os aspectos social e utilitário do letramento de acordo com as contribuições teóricas de Kleiman (1995). Segundo ela, “[...] podemos definir hoje o letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, como sistema simbólico e como tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”. (KLEIMAN, 1995, p. 18)

cultura, tintas das plantas que crescem na comunidade, cordéis que pensam o mundo a partir da linguagem do povo; retalhos, bonecos que contam suas histórias; brinquedos, brincadeiras, danças e músicas que elaboram e ressignificam a leitura da realidade. (PACHECO, 2006. p.92)

Diante do exposto, a Trilha Griô do remanso revela um misto de segredos e mistérios, ciências e mitos, cantigas, danças e histórias de vida que trazem à tona muitos elementos sobre a ancestralidade, identidade e memória coletiva daquele lugar e, além disso, se apresenta como uma vivência da Pedagogia Griô na comunidade de Remanso que não acontece na comunidade como um espetáculo para ser simplesmente assistido, mas como um lugar de intimidade e expressão com os saberes da cultura oral de griôs e mestres da região e, segundo Pacheco (2006), constitui um ritual de vínculo e aprendizagem baseado na educação dialógica de Paulo Freire, na educação biocêntrica, na educação para as relações étnico-raciais positivas e na pedagogia que foi construída nos terreiros do candomblé, nas capoeiras, nos sambas de roda, nos reisados nos cantos do trabalho, nas festas populares e em todas as ciências da cultura oral brasileira como, por exemplo, a Pedagogia Griô.

A pedagogia griô intensifica os canais de percepção da realidade, ritualizando o diálogo e o próprio processo de ensino e aprendizagem entre as idades na escola e na comunidade. Intensifica uma percepção afetiva e simbólica que toca no sentido da vida de uma identidade intensamente comprometida com a ancestralidade e o projeto de vida de sua comunidade. (PACHECO, 2006, p. 86)

A partir desta pedagogia a comunidade e a escola reconhecem a importância da tradição oral e, por conseguinte, acabam por traduzir, reinterpretar e integrar a sua sabedoria ancestral as ciências, com o mundo da escrita e com a economia local. A abordagem dos saberes ancestrais e da valorização da tradição oral será revitalizada através da pedagogia griô não enquanto folclore, mas enquanto sabedoria, ritual de vínculo e aprendizagem, crescimento, arte, ciências e mitos (PACHECO, 2006, p. 89) que estruturam valores de uma identidade.

Apesar de também se configurar um canal de sobrevivência por objetivar também uma possibilidade de geração de renda, a Trilha Griô do Quilombo na comunidade não anula o encantamento deste ritual de vínculo e aprendizagem que conduz à revitalização da ancestralidade e da identidade local e corrobora a valorização da tradição oral na comunidade e no âmbito escolar. Desta forma, de acordo com Pacheco (2008, p. 62), “[...] caminhar na trilha é uma escola de cultura e vida” e, a partir desta vivência, “[...] a comunidade e a escola sentem e reconhecem a riqueza cultural da magia, do encanto, do poder e da sabedoria ancestral de sua tradição” (PACHECO, 2008, p. 57).

Nesta linha de inspiração etnográfica em que a comunidade passa a ser vivenciada em sua tessitura constitutiva, a pesquisa teve como objetivo analisar, nas narrativas dos protagonistas da Trilha Griô do Quilombo, à luz das práticas e eventos de letramento, a importância da tradição oral para a manutenção da memória coletiva e da identidade do grupo. Neste texto, tomamos as narrativas de quatro sujeitos de pesquisa, atores sociais e colaborativos da dissertação intitulada “Nas trilhas de uma comunidade quilombola: tradição, oralidade, memória coletiva e identidade”. Trata-se de pessoas que são moradores da comunidade Remanso, que

possuem idade acima de 60 (sessenta) anos e que são diretamente envolvidos com as atividades propostas pela Associação Grãos de Luz e Griô na comunidade.

Sendo assim, tomamos como questão de pesquisa: Como a tradição oral dos mestres e griôs locais influencia na ativação e/ou manutenção da cultura, valores e saberes de Remanso/BA?

Acreditamos que os dados oriundos desta pesquisa estiveram centrados numa discussão balizada pela natureza social da linguagem e de seu papel na produção de conhecimento, que se dá a partir dos saberes sociais, culturais e religiosos da comunidade remanescente de quilombo Remanso, situada na zona rural de Lençóis/BA, uma vez que as narrativas, destes colaboradores, constructo de uma linguagem amplamente interativa e subjetiva, possibilitaram acesso a fatos, acontecimentos vividos em Remanso durante um amplo período de tempo, que constituem o patrimônio cultural desta comunidade e são preservados através da oralidade.

Nas trilhas da comunidade: percurso metodológico

O presente estudo apresenta uma abordagem qualitativa, por centrar-se nas dimensões de sentidos e significados que os sujeitos atribuem ao vivido na comunidade. De acordo com Gil (1999), este tipo de estudo tem por objetivo levantar as opiniões, atitudes e crenças de uma população. Além disso, Minayo (2005) salienta que essa abordagem trabalha com atitudes, crenças, comportamentos e ações, procurando entender como as pessoas interpretam e conferem sentidos às suas experiências e ao mundo em que vivem.

Ainda no tocante à abordagem qualitativa, Goldenberg (1999) ressalta que este tipo de abordagem difere da abordagem quantitativa, uma vez que na pesquisa qualitativa “[...] a preocupação do pesquisador não é com a representatividade numérica do grupo pesquisado, mas com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, de uma instituição, de uma trajetória etc.” (GOLDENBERG, 1999, p. 14).

Este estudo está centrado nas histórias de vida de alguns sujeitos da comunidade quilombola Remanso, zona rural de Lençóis – BA, com mais de 60 (sessenta) anos de idade, além da reflexão de questões concernentes a seus saberes, fazeres, crenças e valores, articulados ao processo de vitalização da cultura local, questões reveladas nas narrativas sobre suas histórias de vida.

De acordo com Jovchelovitch e Bauer (2002), a narrativa privilegia a realidade do que é experimentado pelos contadores de história, refere-se ao que é real para eles. Ainda sobre as narrativas, Delgado (2010) afirma que:

As narrativas, sob a forma de registros orais, são caracterizadas pelo movimento peculiar à arte de contar, de traduzir em palavras os registros da memória e da consciência da memória no tempo. São importantes como estilo de transmissão, de geração para geração, das experiências mais simples da vida cotidiana e dos grandes eventos que marcaram a história da humanidade, são suportes das identidades coletivas e do reconhecimento do homem como ser no mundo. (DELGADO, 2010, p. 43)

Para Silva e Trentini (2002), através das narrativas podemos ter acesso à experiência do outro, porém de modo indireto, pois a pessoa expressa sua experiência de maneira como a interpretou. Nesse sentido, o uso das narrativas se

adéqua ao estudo sobre tradição oral dos mestres e griôs, sujeitos que revelam vivências e experiências locais como elemento de ativação e ou manutenção da cultura, valores e saberes de Remanso/BA.

Neste estudo, adotou-se a história de vida como um meio para se recorrer às narrativas. Neste sentido, a metodologia desta pesquisa baseou-se em entrevistas semi-estruturadas para captar as histórias de vida dos participantes, a fim de identificar as tradições, as crenças e a cultura da comunidade, a partir das experiências dos sujeitos atores da pesquisa, considerando que estes sujeitos aprendem a partir da sua própria história.

As histórias de vida são expressões da identidade social do informante (SIMSON, 1997). Ao perguntar-se: Quem sou eu? É o momento em que expõe sua identidade de uma maneira única, desvelando a sua história de vida desde a sua infância até os dias atuais. Além disso, Simson (1997) considera, também, que na entrevista de história de vida, o mais importante é a estruturação dos fatos de memória. Nele atuam mecanismos muito sutis, que estão relacionados com a construção da identidade pessoal. Sendo assim, memória e identidade são interligadas. “Memória e identidade são temas indissociáveis; dessa maneira, o registro oral, enquanto visita ao passado individual/coletivo remete a própria relação das experiências e significados historicamente vividos e o governo do presente e futuro” (SIMSON, 1997, p. 211).

No contexto deste estudo, o método História de vida se insere nas metodologias qualitativas e objetiva apreender as articulações entre a história individual e a história coletiva, uma ponte entre a trajetória individual e a trajetória social. Uma característica importante deste método de pesquisa é a relação entre sujeito pesquisador e sujeito pesquisado, que embora perpassada por relações de poder, constitui momento de construção, diálogo de um universo de experiências humanas.

Neste sentido, vale salientar que é nessa possibilidade de diálogo entre pesquisador e pesquisado que reside a principal diferença com as ciências ditas naturais e o seu objeto: o objeto das ciências sociais apresenta mais que os dois casos (opaco e mudo, transparente e falante), “[...] é muito mais que isso, ele tem também o seu centro, o seu ponto de vista e as suas interpretações” (DAMATTA, 1991, p. 27), visto que, se trata de um sujeito-possuidor de seu próprio ponto de vista, suas interpretações, que muitas vezes pode levar o pesquisador a momentos de questionamentos diante das suas próprias interpretações. No entanto, essa dimensão não invalida o método, nem tampouco o classifica fora de métodos científicos.

A escolha metodológica deste estudo se justifica, entre outras razões, pelo fato de acreditarmos que, para melhor entender o cotidiano, as tradições e a cultura de uma população quilombola, é indispensável um conhecimento profundo das histórias de vida deste povo, das suas experiências e vivências cotidianas.

Para Oliveira (1999), o cotidiano dos participantes de uma pesquisa baseada em histórias de vida apresenta-se como uma fonte muito mais rica do que a vida em rotina, pois, segundo este autor, o cotidiano “é um terreno multifacetado, em que é possível descobrir a cultura assumindo os mais inusitados contornos, ora conformando-se, ora resistindo às manifestações predominantes” (OLIVEIRA, 1999, p. 309). Diante do exposto, constatamos que a história de vida se adéqua ao estudo proposto pelo fato de os moradores da comunidade quilombola Remanso se esforçarem para acompanhar as mudanças sociais que ocorrem e, ao mesmo tempo, buscam vitalizar e cultuar as tradições de seus antepassados.

Numa perspectiva que envolve a abordagem do modo de vida de uma comunidade quilombola que busca revitalizar as tradições culturais de seus antepassados, consideramos válido acrescentar que, de acordo com Moll (2000), o pensamento de Paulo Freire traduz o modo de vida como construção de saberes que os sujeitos têm acerca do que vivem e que, por isso, o conhecimento destes sujeitos não é menor, mas constitutivo do olhar que se produz pelas vivências da vida cotidiana.

Neste sentido, o lugar do saber do outro (sujeito desta pesquisa) é fundamental para estabelecer e definir os significados que compõem o objeto. “Tanto o investigador quanto o ator social, são sujeitos de conhecimentos que se relacionam, formando possibilidades discursivas (re)significadas acerca da problemática em questão” (MOLL, 2000, p. 27). Sendo assim, o saber do outro deve ser valorizado e respeitado, cada indivíduo possui o seu saber diferenciado e esse saber deve ser compartilhado.

Nesta pesquisa, adotamos o método Análise de Conteúdo Temática, de Laurence Bardin (2004), como procedimento de análise dos dados apreendidos das Histórias de Vida dos sujeitos participantes deste estudo. Bardin (2004) define a Análise de Conteúdo Temática como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 2004, p. 37)

A análise de conteúdo perfaz um conjunto de instrumentos metodológicos, que se encontra em construção e constante aperfeiçoamento, e que se aplica a discursos diversificados. Trata-se de uma hermenêutica (interpretação) controlada, baseada na dedução (inferência). Enquanto esforço de interpretação, a análise de conteúdo alterna-se entre dois polos: “do rigor da objetividade, à fecundidade da subjetividade”, no dizer de Laurence Bardin (2004).

O investigador sente-se motivado, atraído pelo recôndito, pelo escondido, o não-aparente, o potencial de inédito, retido pela mensagem do entrevistado. Para a mesma autora, trata-se de “analisar mensagens”, fazer uma dupla leitura, de inferir o sentido do que foi dito e do “não-dito”.

O interesse maior da Análise de Conteúdo reside no fato de “obrigar à observação”, à escuta atenta entre o estímulo mensagem (palavra indutora, do entrevistador) e a reação interpretativa do entrevistado. Neste sentido, mediante o estímulo-mensagem das palavras indutoras (ou sugeridas) e mediante as palavras induzidas, colhidas, foi possível conhecer um pouco mais sobre os saberes, os fazeres, as crenças e os valores dos sujeitos da Comunidade Remanescente Quilombola Remanso, do município de Lençóis-BA.

No tocante aos saberes observados na comunidade, notamos que os mesmos advêm, na sua maioria, da “leitura da realidade”. Uma leitura feita por estes quilombolas que acaba por dialogar com os conteúdos propostos pela educação formal. Por isso, consideramos importante abordar o seguinte ponto abordado por Paulo Freire (1986):

[...] nós, educadores e educadoras, mediante a importância da visão crítica da educação, temos a necessidade de viver, na prática, o

reconhecimento óbvio de que nenhum de nós está só no mundo. Cada um de nós é um ser no mundo, com o mundo e com os outros. Viver ou encarnar esta constatação evidente, significa reconhecer nos outros – não importa se alfabetizados ou universitários – o direito de dizer a sua palavra. [...] uma compreensão crítica do ato de ler não se esgota na decodificação pura de palavra escrita ou da linguagem escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. (FREIRE, 1986, p. 12, grifos nossos)

Nesta direção, a Análise de Conteúdo foi utilizada como procedimento para melhor compreender as Histórias de Vida dos participantes da presente pesquisa, a partir do desvelamento do que essas histórias têm a ensinar a partir da leitura de mundo, da leitura da realidade dos quilombolas da comunidade, seus saberes e fazeres, precedendo a leitura da palavra.

De acordo com a concepção de Coutinho (2005), a Análise de Conteúdo busca compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou ocultas.

Remanso: um quilombo de tradição oral

A pesquisa teve como lócus a comunidade remanescente de quilombo Remanso/BA, que está localizada no entroncamento dos rios Utinga e Santo Antônio na zona rural de Lençóis/BA, a 420 km de Salvador. “Um poço encantado de história oral, memória coletiva que escorre em meio às águas do rio Utinga e Santo Antônio.” (ASSOCIAÇÃO GRÃOS DE LUZ E GRIÔ, 2004). De acordo com Senna (1998), a formação de comunidades quilombolas como Remanso advém do “resultado de frentes pioneiras de expansões agropastoris, oriundas do desdobramento de fazendas, passagens de gado e aguadas” (SENNA, 1998, p.27).

A história de formação da comunidade Remanso nos conduz a uma reflexão sobre a vida de homens e mulheres negros que, vindos da África, foram inseridos no processo de escravidão do Brasil e transformados em verdadeiras fontes de lucros. Contudo, mesmo diante das dificuldades impostas pela escravidão, nas senzalas, nos quilombos, nas cidades e nas plantações, os negros, resistindo e reagindo a tal situação, recriaram sua cultura, suas influências africanas. Os Quilombos, por exemplo, abordados na história brasileira, sobretudo o Quilombo dos Palmares, configuram uma reação do povo negro diante da escravidão.

Remanso é uma comunidade rural remanescente de quilombo afetada pelo declínio do garimpo. Foi neste cenário de transformação econômica e social e, conseqüentemente, de conflito cultural entre gerações na comunidade de Remanso que a Associação Grãos de Luz e Griô se apresenta como parceira da comunidade diante do processo de valorização cultural local, uma vez que busca trazer de volta para o centro social e econômico da comunidade estes personagens que foram anteriormente “retirados” deste centro através de uma proposta de desenvolvimento comunitário que privilegia a valorização da tradição oral, ou seja, da cultura local.

Trata-se de uma comunidade cuja realidade está ancorada numa proposta apresentada pela Associação não governamental Grãos de Luz e Griô, a partir dos princípios da Pedagogia Griô, “uma pedagogia pela cor e cultura negra” (BARZANO, 2013, p. 135) que fora incorporada às políticas públicas para as diretrizes das

culturas populares do Ministério da Cultura, no âmbito do Programa Nacional de Arte, Educação, Cidadania e Economia Solidária – Cultura Viva, denominado Ação Griô Nacional.

A Ação Griô Nacional “potencializa e estimula a articulação de uma rede de Pontos de Cultura e associações que atuam no sentido do reconhecimento e transmissão dos saberes e fazeres dos griôs e mestres de tradição oral pelo Estado brasileiro, por meio de políticas públicas com foco na relação entre cultura e educação, escola e comunidade.” (PACHECO; SANTINI, 2010, p. 271)

O termo Ponto de Cultura, utilizado pelos autores na citação acima, refere-se a uma entidade reconhecida e apoiada financeira e institucionalmente pelo Ministério da Cultura e desenvolve ações de impacto sociocultural em suas comunidades.

Considerando a importância das ações promovidas pela Ação Griô Nacional, pela Associação não governamental “Grãos de Luz e Griô” e também pela Pedagogia Griô, no sentido de levar para a comunidade quilombola Remanso/BA “uma ideia inovadora que propõe incorporar à esfera educacional, política e econômica da comunidade, a força e poder da tradição oral” (PACHECO, 2006, p. 22), apresentamos a seguir, de maneira objetiva, o papel de cada uma delas nesse percurso que envolve a valorização da identidade cultural na comunidade como uma oportunidade de desenvolvimento local.

A Ação Griô, em âmbito nacional, é um programa que apresenta como papel principal a inclusão dos saberes e fazeres de tradição oral em diálogo com a educação formal, propondo uma reformulação na grade curricular brasileira, com vias a referenciar e afirmar a ancestralidade, identidade e diversidade cultural brasileira.

No tocante à Associação não governamental “Grãos de Luz e Griô”, vale destacar o papel desta ONG no cenário local. A Associação Grãos de Luz e Griô localiza-se no centro histórico da cidade de Lençóis, Chapada Diamantina-BA, e apresenta como principal missão semear educação, cultura oral e economia comunitária para o fortalecimento da identidade e ancestralidade do povo brasileiro. Além disso, é válido ressaltar que suas práticas vivenciais cultuam as tradições e a memória viva, como elementos essenciais na concepção do ser humano, tomando como base a valorização, disseminação e inclusão dos saberes e fazeres de tradição oral, com a participação dos mestres e griôs locais.

Quando utilizamos a palavra ancestralidade, neste trabalho, não estamos relacionando-a com a questão somente do pertencimento racial/étnico, mas principalmente, estamos nos referindo à “reinvenção da cultura, da recuperação das práticas culturais do passado, do respeito aos ensinamentos herdados das gerações anteriores, independentemente da cor da pele.” (BARZANO, 2013, p. 98).

Além de buscar semear educação, cultura oral e economia comunitária para o fortalecimento da identidade e ancestralidade do povo brasileiro, a ONG Grãos de Luz e Griô põe em prática um projeto cultural que visa transformar a educação, sem perder de vista seu papel na formação de um ser humano, que se volta para as tradições do passado para promover a construção de uma sociedade mais justa e solidária, capaz de incorporar em sua cultura os personagens que foram dela excluídos - o Projeto Grãos de Luz e Griô.

Em Remanso, a Associação Grãos de Luz e Griô, em parceria com a Associação de pescadores de Remanso/BA, busca apoio de políticas públicas, recursos da iniciativa privada e juntamente com as atividades da agricultura e da

pesca, vai mostrando que se o grupo estiver mais unido, mais organizado, é possível conseguir apoio de diversos outros projetos que podem ajudar a melhorar as condições de vida e educacionais da comunidade.

Hoje a comunidade de Remanso é considerada uma referência na Chapada Diamantina por conta da sua luta pela preservação dos costumes e tradições orais, que ancestralmente são repassadas de geração a geração, e pela revitalização de sua identidade. A comunidade deu esse salto a partir da parceria com a Ação Griô Nacional, a partir dela o Ministério da Cultura vem fomentando por todo o país projetos pedagógicos ancorados em perfis inovadores que estão revigorando e disseminando boa parte da cultura material e imaterial da cultura popular, possibilitando uma otimização e revalorização de costumes e tradições em ambientes urbanos e, fundamentalmente, na zona rural, que tem mostrado todo um arsenal cultural que está sendo reavivado pelos griôs.

O papel da Pedagogia Griô envolve a valorização da identidade cultural na comunidade de Remanso. Conforme Pacheco:

A Pedagogia Griô é uma pedagogia da vivência afetiva e cultural que facilita o diálogo entre as idades, entre a escola e a comunidade, entre os grupos étnico-raciais interagindo saberes ancestrais de tradição oral e as ciências formais para a elaboração do conhecimento e de um projeto de vida que têm como foco o fortalecimento da identidade e a celebração da vida. (PACHECO, 2006, p. 86)

A partir desta pedagogia, a comunidade e a escola reconhecem a importância da tradição oral e, por conseguinte, acabam por traduzir, reinterpretar e integrar a sua sabedoria ancestral as ciências, com o mundo da escrita e com a economia local. A abordagem dos saberes ancestrais e da valorização da tradição oral será revitalizada através da pedagogia griô não enquanto folclore, mas enquanto sabedoria, ritual de vínculo e aprendizagem, crescimento, arte, ciências e mitos (PACHECO, 2006) que estruturam valores de uma identidade.

No intuito de analisar a influência da tradição oral dos mestres e griôs locais para a ativação e ou manutenção da cultura, valores e saberes de Remanso/BA, direcionamos nosso olhar não para a figura do Velho Griô, reinventado pela Associação Grãos de Luz e Griô (apesar da sua presença relevante na comunidade por despertar a importância da valorização da cultura local), mas para as experiências dos mestres e griôs de Remanso/BA com a tradição oral a partir das suas histórias de vida.

Os quatro sujeitos/narradores⁵ que compõem este texto são moradores da comunidade remanescente de quilombo Remanso. Cada um deles representa um personagem importante para a história da comunidade e conhece a fundo informações dos seus primeiros moradores, aspectos culturais e identitários que a caracteriza. Seu Felipe, 93 anos, o mais velho da comunidade, revela a trajetória histórica de Remanso, emoldurada nas cenas de sua vida privada. Dona Rosa, 85 anos, lavradora canta e encanta as pessoas através de suas histórias e brincadeiras de roda compartilhadas na vivência da Pedagogia Griô em Remanso. Dona Judite, 67 anos, parteira e rezadeira da comunidade por muitos anos, é responsável pela vivência (oficina) do xarope de ervas medicinais e a preparação de remédios a partir

⁵ Os colaboradores da pesquisa possuem nomes fictícios em atendimento ao Comitê de Ética em Pesquisa.

delas, facilitando a descoberta da ciência que está em torno da erveira. Seu Aurino, 68 anos, é o mestre da Sanfona e contador de histórias da comunidade.

Narrar a vida como movimento de troca de experiências na pedagogia griô

Câmara Cascudo (1984, p. 31), fala-nos a respeito da “literatura oral” presente na história das sociedades, para falar de uma ordem de conhecimento “não oficial – tradicional, oral, anônimo, independentemente de ensino sistemático”. Na história brasileira, de acordo com este mesmo autor, a literatura oral é formada por contribuições dos diferentes grupos étnicos que formaram a cultura brasileira: os índios, os negros e os portugueses. Essa cultura, criada sob mediação de três povos, criou formas diversas de manifestação da sua tradição.

Walter Benjamin (1986), em seu texto *O Narrador*, traça uma visão panorâmica da narração na sociedade ocidental desde a Idade Média até os tempos atuais. Esse autor concebe a narrativa como elemento que se recria no cotidiano e aponta fatores como, por exemplo, o surgimento do romance e da burguesia como determinantes para a decadência da arte de narrar. Sobre esta arte, Benjamin (1986, p. 57) destaca que:

[...] a arte de narrar caminha para o fim. Torna-se cada vez mais raro o encontro com pessoas que sabem narrar alguma coisa direito. É cada vez mais frequente espalhar-se em volta o embaraço quando se anuncia o desejo de ouvir uma história. É como se uma faculdade, que nos parecia inalienável, a mais garantida entre todas as coisas seguras, nos fosse retirada. Ou seja: a de trocar experiências.

O ato de narrar, nas comunidades que prezam a oralidade, mais do que reacender a tradição oral, significa, então, transmitir, de boca em boca, todas as experiências que a ancestralidade dessa comunidade adquiriu durante sua história. Logo, revitalizar essa oralidade estimula os laços de solidariedade e integração social que sustentaram e sustentam uma memória coletiva.

Para Walter Benjamin (1986), as experiências que passam de pessoa para pessoa revelam uma fonte na qual todos os narradores beberam, visto que, nas próprias narrativas, encontra-se uma significativa dimensão utilitária. Sobre essas narrativas repassadas pelo contador, o autor explica que “ela tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa atitude pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida.” (BENJAMIN, 1986, p. 200).

Com base nessa abordagem sobre a dimensão utilitária que reside na própria narrativa, Benjamin (1986) fala de um narrador conselheiro, um homem que sabe dar conselho e que é capaz de tirar dessas narrativas a sabedoria e envolver de tal forma seus ouvintes nessas narrações, fazendo desse ouvinte, no ato de contar, o seu companheiro de história. Esse mesmo autor fala também de um narrador enraizado no conhecimento popular, que se apresenta como um lapidador, que figura entre os mestres e os sábios.

Ainda de acordo com Walter Benjamin (1986), nada escapa da narração daquele que, na sua arte de narrar, de dar conselho, fala sobre muitas coisas, como um sábio, pois esse narrador é capaz de dominar um acervo de toda uma vida. No entanto, para Benjamin (1986), a experiência de narração de histórias está em vias de extinção, assim como a figura do narrador. Para o autor, “a arte de narrar está definindo porque a sabedoria – o lado épico da verdade - está em extinção”

(BENJAMIN, 1986, p. 200-201). Esse abandono da arte de narrar em determinados grupos leva ao fim de uma característica importante do narrador: o aconselhar. O narrador é aquele que através de suas histórias sabe dar conselhos, porque conhece suas tradições ou pela troca de experiências. Na cultura popular, essa característica do narrador ainda é preservada, pois ele é quem aconselha, dá notícias de outro tempo e partilha a sua sabedoria com os outros. Ainda de acordo com o autor, dois fatores contribuíram para essa possível morte da narrativa: a criação do romance e a sua difusão pela imprensa, e a informação como nova forma de comunicação.

Contudo, por volta dos anos 1970, surge na Europa um movimento de retomada da narração e dos contadores de história, como analisam Matos (2003) e Miziara (2005). Vemos, assim, o ressurgir de um tipo de experiência que nunca se fez completamente ausente, mas que não foi devidamente valorizada em determinadas sociedades.

Acreditamos que, se a cultura africana fosse mais conhecida por outras partes do mundo, a tradição oral seria mais valorizada. O Brasil, por exemplo, é um país que possui um elevado número de pessoas que representa a população negra. Entretanto, se a população brasileira conhecesse melhor a tradição oral africana e suas peculiaridades, compreenderia também o valor daquele que fala a partir da sua experiência, da sua vivência, ou seja, tomaria conhecimento da importância do tradicionalista, griô, mestre ou narrador.

O termo griô é uma adaptação da palavra francesa *griot* – palavra de origem africana utilizada para designar as chamadas “bibliotecas vivas”, que são os velhos anciãos que carregam consigo todo saber ancestralizado e edificado por uma extraordinária leitura de mundo. Petrovich e Machado (2004, p.19) destacam que “os *griots* como tradicionalistas africanos são poetas, cantadores e contadores da história. São embaixadores mediadores e gozam da liberdade de falar”.

Sendo assim, a palavra griô faz referência a um caminhante, cantador, poeta, contador de histórias, ou melhor, é um educador popular que aprende, ensina e se torna a memória viva da tradição oral de sua gente. Já o termo mestre diz respeito a um sábio, curador, iniciador das ciências da vida, das artes populares e dos ofícios artesanais. Mestres e griôs de tradição oral representam figuras importantes nas sociedades africanas na qual a oralidade, e não a palavra escrita, é o principal meio de manutenção das culturas, porque a partir da circulação do conhecimento garantem que as culturas permaneçam vivas. Segundo Pacheco (2008, p. 59), o mestre é:

[...] assim chamado porque, embora tenha a maestria de uma tradição oral, não se legitima por si só, mas por estar circulado por aprendizes que o escolheram por sua história, seus mitos, seus saberes e fazeres, seu ofício artesanal – tudo que reflete uma diferença étnica-cultural que, por sua vez, é plena de religiosidade ou, usando um conceito independente de religião, plena de espiritualidade, ou, ainda, um conceito mais científico – plena de transcendência.

Ao se tratar dos termos griô e mestre surge uma questão que envolve a não valorização da tradição oral em determinados grupos, a qual merece destaque, neste trabalho, pelo fato de estar diretamente relacionada à proposta da Associação Grãos de Luz e Griô, uma vez que essa Associação, através de suas práticas

vivenciais, busca a revitalização da tradição oral a partir das narrativas dos mestres e griôs de Remanso-BA.

Na comunidade quilombola Remanso-BA, mesmo com todo o reflexo das influências do mundo moderno e contemporâneo veiculados pela televisão, rádio, valorização da cultura escrita, um programa de trilha que viabiliza um contato com visitantes do mundo todo, a oralidade tem resistido e conquistado seu lugar de importância devido, principalmente, ao papel que os contadores de histórias (os griôs da comunidade) têm exercido na transmissão de saberes e na recuperação das narrativas. Esse papel dos narradores na comunidade é fundamental para a recuperação e valorização da tradição oral, capaz de evitar que suas tradições não caiam no esquecimento. Dessa forma, os griôs de Remanso-BA demonstram no seu cotidiano a importância da interação com o outro, da sua performance, seus gestos, seu olhar, seu movimento corporal - elementos característicos da tradição oral.

Aqui, podemos mencionar as festas populares como um elemento que permeia esse cotidiano e se apresenta como lugar e seus modos de comunicação são impulsionadas pela religião e são realizadas de acordo com o calendário religioso, através de manifestações que unem os orixás do Jarê com os santos católicos. É o caso, por exemplo, da Festa de São Francisco, festa católica que no Jarê é festejada no mesmo período através de homenagens ao orixá correspondente no sincretismo (São Francisco) que é Xangô: Deus do fogo e do trovão. Estas festas apresentam um caráter religioso e, a partir delas, o povo se reúne para demonstrar a sua fé na religião católica.

“Bora meninos fazer a festa de São Francisco porque ele é o santo dos pescadores e aqui todo mundo é pescador, até as crianças já sabem pescar (Dona Judite – Extrato de narrativa)”. A festa de São Francisco é uma tradicional festa religiosa popular que acontece no povoado do Remanso, cujo padroeiro local é São Francisco. Durante o evento acontece a tradicional procissão dos moradores ao longo da vila e depois os batizados coletivos em frente à Igreja. Dona Judite dá mais detalhes da festa:

A festa de São Francisco começa no dia 25 de setembro que é a noite das crianças. Ai na noite das crianças, que é meio de semana, tem festa até chegar 04 de outubro. São nove dias de novena, quando chega dia 04 é o dia do final da festa. Aí tem a missa, a procissão. Todo ano tem, dia 04 de outubro. É uma festa bonita, tem muita gente, gente de Lençóis, Andaraí, desse mundo tudo por aqui vem gente pra essa festa (Dona Judite – Extrato de narrativa)

Festejar o padroeiro da comunidade é uma forma de reunir os moradores, todas as comunidades vizinhas, pessoas de outros lugares e também aqueles que estão trabalhando em outras cidades ou localidades rurais. Neste sentido, as festas religiosas constituem um espaço cultural e religioso e, além disso, apresentam uma característica notável: geralmente coincidem com o calendário civil, esta festa, por exemplo, termina exatamente no dia de São Francisco de Assis (04 de outubro).

Formada não por garimpeiros como era o caso de Lençóis, mas sim, principalmente, por pescadores, a vila inteira do Remanso constituía uma única comunidade de Jarê, uma religião de matriz africana existente somente na Chapada Diamantina, Bahia. O Jarê pode ser considerado uma espécie de candomblé de caboclos (SENNA, 1998) que envolve festas onde os praticantes cantam, dançam e em geral permitem que as entidades das quais mais se aproximam se manifestem em seus corpos. Naquela comunidade, o Jarê era também chamado de Jerê

conforme nos explicitou Seu Felipe, Griô mais velho da comunidade, ao falar da sua atividade no Jarê e sua aproximação com senhor Manoelzinho, um pai de santo de jarê, figura que nessa religião também é chamado de “curador” na comunidade: “*Ele batia Jerê, era eu e Manezinho. Eu nunca vi uma pessoa curta da vida. Eu sei que a pessoa para se viver tem que bater um bocado.* (Senhor Felipe – Extrato de Narrativa)”.

No tocante ao tema festa, Brandão (1989, p. 8) ressalta que “... a festa é uma fala, uma memória e uma mensagem”. A festa é o momento em que o indivíduo tem maior liberdade para se manifestar e se expressar. Esta expressão pessoal está presente na dança, na música, no modo de falar e se comportar perante os participantes da festa. Neste processo de expressão, o indivíduo dá vida a uma série de rituais, ele passa uma mensagem através do modo como se comporta no ambiente festivo. As festividades são partes integrantes da vida social, servem como lazer, distração, comemoração e, acima de tudo, como uma forma de se aproximar dos sujeitos, pois barreiras são quebradas possibilitando novas oportunidades de interação.

Esses griôs, que herdaram da cultura africana um papel social especial, com liberdade para falar e se manifestar, ao contar suas histórias através da narração, da declamação de poesias e da música, utilizam algumas indumentárias, instrumentos musicais e acessórios para enriquecer a sua performance e acabam conquistando maior atenção dos ouvintes que a vivenciam, cada um ao seu modo, conseqüentemente, reconhece nesse griô uma fonte de memória. Para corroborar isso, Barzano (2013, p. 52) utiliza as seguintes palavras: “[...] há uma conexão entre a oralidade e performance para que o griô dê vida, oferecendo um alto grau de importância para aquilo que está sendo contado, já que na tradição africana o ato da fala é considerado sagrado”, ou seja, a performance é elemento fundamental para que a história contada ganhe maior destaque, e assim atrair a atenção do ouvinte outros elementos são importantes para auxiliarem a voz, tais como a indumentária, os acessórios e os instrumentos musicais.

No tocante à utilização do termo performance, nesta pesquisa, consideramos a concepção dada por Paul Zumthor (2010, p. 33), que a define como “[...] ação complexa pela qual uma mensagem poética é simultaneamente, aqui e agora, transmitida e percebida”. Em comunidades como Remanso-Ba, as palavras transformam-se em ação. Mais que uma atividade comunicativa, essa relação de cumplicidade contador/ouvinte, nesse ato de contar, significa para os envolvidos o compartilhar de valores e experiências significativas para suas vidas, logo, não devem deixar de ser repassados e, principalmente, preservados.

Ao invés de objetivar a não valorização do respeito à fala e aos saberes dos mais velhos e da tradição oral, comunidades como Remanso-Ba primam pelo respeito a essa palavra falada, porque além da cumplicidade coletiva entre os seus membros, no ato de contar, circulam palavras que não foram herdadas aleatoriamente, mas aquelas herdadas da cadeia dos ancestrais, os grandes depositários das palavras nas comunidades orais.

Neste sentido, os conhecimentos repassados objetivam a construir saberes voltados para o manejo da terra na lavoura, a atividade de pesca e as práticas de cura. Essas se encontram relacionadas à necessidade de manutenção dos meios de subsistência do grupo, da família, da comunidade.

Apesar de observarmos nas entrevistas o reconhecimento de que os antepassados são fonte viva de memória, que são importantes no cotidiano da comunidade e o cuidado que ela tem com o conjunto de lembranças que eles

deixaram para a atualidade, percebemos também que alguns jovens não reconhecem a confiança nos mais antigos e por isso não respeitam a importância do diálogo entre os jovens e os mais velhos, como destaca Seu Aurino: “Quem me ensinou foi um velho que chamava Aurino, por essa forma e essa. E é o desejo que eu tenho, de deixar. Isso era pra deixar pros meus filhos, mas os meus filhos não interessam nada (Seu Aurino – Extrato de narrativa).”

Como detentores dessas “palavras-forças,” termo utilizado por Zumthor (1993), os velhos das sociedades orais “[...] são os depositários da memória coletiva. Sua palavra a manifesta num estilo formular cujo eco se percebe em várias crônicas” (ZUMTHOR, 1993, p. 86).

Como portadores da voz no mundo, conforme define Zumthor (1993), os contadores assumem também, junto às comunidades onde estão inseridos, o papel de detentores públicos de uma voz, pois como intérpretes da mesma, podem lembrar, através dela, valores que podem ajudar a manter o laço social da comunidade.

O contador, para Zumthor (1993), é aquele homem que aprendeu a interiorizar as vozes poéticas, uma vez que para ele “não há arte sem voz”. Através da palavra, esse contador vai mostrando para os seus ouvintes elementos fundamentais de sua cultura, pois, é a voz desse contador, uma vez ritualizada e reescutada, que vai ajudar o público a perceber a unidade do mundo bem como afetar profundamente a sensibilidade e a capacidade inventiva dos homens dessas sociedades orais.

Por isso, Rondelli (1993) ressalta que, tão importante quanto o papel do contador, é seu ato de contar junto às comunidades orais e observar as formas de produção dessas narrativas. Compreender quem produz o quê, para quem e, principalmente, com quais objetivos permite entender os conteúdos dessas narrativas. Segundo a autora:

Além do processo de socialização pelos valores que estão contidos nas histórias, nas mensagens que elas transmitem, a própria situação de contar história é um momento de socialização, pois propicia a convivência e a troca de experiência entre os participantes do evento. (RONDELLI, 1993, p.30 e 31)

Sendo assim, esse ato de contar requer, por parte do narrador, um domínio no ato da criação desse evento e na construção dos seus diálogos, mesmo porque, de acordo com Rondelli (1993, p.28), o ato de contar é um “processo comunicativo artístico”, de forte cumplicidade entre os envolvidos. Nesse encontro ritualizado entre narrador e o ouvinte, o velho e o novo se compõem.

No caso da comunidade remanescente de quilombo Remanso/BA, essa composição é que garante a transmissão e preservação dessa memória. Os portadores da tradição oral, mais que depositários da voz dessa comunidade, são grandes mestres na arte de narrar seus saberes.

Entre vivências individuais e coletivas: narrativas que revelam os guardados da memória

As histórias de vida, que são apresentadas nesta pesquisa, abordam as memórias de moradores antigos da comunidade e participantes da realização da Trilha Griô do Quilombo, de suas vivências individuais e coletivas experienciadas pela família e grupo social. Nessas histórias, podemos visualizar, além das

experiências de vida familiar, a tradição oral, os mitos, os ensinamentos dos antepassados, as crenças religiosas e suas relações com o trabalho.

Conforme Coracini e Ghiraldelo (2011, p.26), “a memória diz respeito ao povo, à nação, o que significa afirmar que é a memória coletiva, tomada no decurso do tempo, que se vê priorizada, ainda que, na Nova História, a linearidade cronológica não seja mais o seu fio condutor”.

No meio acadêmico, a memória tem sido alvo frequente de estudos e de pesquisa em diversas áreas. Assim, nos últimos anos, a questão da memória tem sido objeto de estudo da Filosofia, da Psicologia, da Psicanálise, da Linguística, dentre outras. Conforme afirma Gagnebin (2006, p.97),

[...] assistimos hoje ao *boom* de estudos sobre a memória, desmemória, resgate, tradições. [...] Na história, na educação, na filosofia, na psicologia, o cuidado com a memória fez dela não só um objeto de estudo, mas também uma tarefa ética: nosso dever consistiria em preservar a memória, em salvar o desaparecido, o passado, em resgatar, como se diz, tradições, vidas, falas e imagens.

Este dever vem sendo cumprido, segundo Coracini e Ghiraldelo (2011, p. 24), “inclusive no Brasil, em que, paradoxalmente, o mito do novo, do jovem, do moderno, do presente parece apontar para a desvalorização da História, do passado, da memória do povo”, o que, ainda de acordo com a autora, “parece apontar para a cisão do sujeito e de sua natureza, própria dos tempos denominados (pós-) modernos” (CORACINI; GHIRALDELO, 2011, p. 24).

Entendemos que por conta dessa cisão do sujeito e de sua natureza, testemunhamos tantos movimentos sociais e políticos na defesa de minorias étnicas, religiosas, culturais. A verdade é que nunca se testemunhou tanta necessidade de deixar marcas de si numa sociedade capitalista e egocêntrica que visa unicamente o lucro e o consumo. E “deixar marcas de si” numa comunidade como Remanso, por exemplo, implica permanecer na esperança da eternidade, na memória de um povo, de um grupo social, de alguém, cuja tarefa é transmitir de uma geração a outra aquilo que foi deixado como herança.

Trazendo a discussão sobre a memória coletiva e sua relevância para contexto de Remanso/BA, percebemos que a tradição oral nesta comunidade é um processo permanente no qual os saberes se perpetuam, mas também são revistos e transformados. Sendo assim, acreditamos que a memória se torna uma porta pela qual podemos adentrar a esse universo distinto de saberes.

As narrativas dos moradores desta comunidade revelam aspectos importantes referentes às vivências individuais e coletivas que são construídas a partir de elementos da intersubjetividade, como podemos perceber nas narrativas de Dona Rosa e Seu Felipe, “*que união, todo mundo brincava alegre, não tinha arrelia, não tinha aborrecimento nenhum, por isso todo mundo achava bom, e a gente brincava, brincava à vontade.* (Dona Rosa – Extrato de narrativa)”. “*O que me entregam eu tomo conta. Nunca tive mal reputação por pegar as coisas dos outros. O que me entregam eu dou conta desde menino e nisso eu tô até hoje* (Seu Felipe – Extrato de narrativa)”.

A solidariedade é, pois, um valor partilhado pelos membros da comunidade e tido como norteador das práticas que permitem a integração dos mesmos. Assim, os moradores vão tecendo o seu cotidiano, cada um tem seus afazeres seja na plantação, seja na colheita ou no “ajuntamento de gente” que é o trabalho realizado coletivamente para adiantar o serviço de algum morador em atraso. É assim que se

“manifesta o ‘engajamento social ou, noutros termos: uma arte de conviver com parceiros” (CERTEAU, 1996, p.39): vizinhos, lavradores e lavradoras, pequenos produtores rurais, donas de casa, pequenos comerciantes, membros da associação e outros. Todos estão ligados pela proximidade, por metas e repetição dos afazeres cotidianos, ou por parentescos e outros vínculos.

As memórias residem na mente dos membros deste grupo que, por sua vez são construtores da sua própria história. Essa história é constituída a partir do cotidiano, como práticas sociais, culturais e religiosas, orais e escritas vividas pelos membros desta comunidade, seja no trabalho com a pesca, na agricultura, na rotina da casa de farinha, na organização das oficinas a serem realizadas na Trilha Griô do Quilombo, na família, na religião etc.

Segundo Meihy (2005, p. 57), a “tradição oral, por estar atenta às transmissões do arcaico, percebe o indivíduo enquanto um veículo de transmissão de mitos e tradições antigas que, na maioria das vezes, transcende o depoente”. Esta afirmativa nos faz entender que no âmbito da tradição oral se encontra a voz, inspirada pela memória. Dessa forma, depreende-se que o discurso de membros de uma comunidade está atrelado a ações já experimentadas, vividas em tempos passados.

Nessa perspectiva, entendemos que as histórias de vida narradas pelos representantes da Trilha Griô do Quilombo, uma trilha fundamentada na valorização da cultura oral, transmitem ensinamentos, mitos, crenças e histórias do seu povo a partir do que Schmidt e Mahfoud (1993) denominam de memória coletiva, pois remete ao tratamento de uma identidade coletiva formada pelas lembranças e ideais guardados por um grupo.

A ligação entre memória coletiva e o ato de narrar encontra-se no fato de que, ao narrar, o sujeito fala da sua experiência e também da experiência de vários outros que estão presentes no seu quadro de referência. A narrativa, portanto, também é coletiva; conforme assinalam Schmidt e Mahfoud (1993, p. 295), “a observação do caráter plural da narrativa abre a possibilidade de escutar um depoimento pessoal como orquestração de vozes coletivas, posta em cena pelo narrador”.

Esta constatação nos coloca diante de uma lógica própria da construção da memória, na qual o processo se dá nas relações com o outro, por mediações não controladas, mas que fazem sentido para o sujeito que se lembra, e no impacto que esta lembrança lhe causa, constituindo-se assim a memória como um fenômeno que se constrói e se faz presente pela interface das relações humanas.

Pollak (1992) promove outra importante contribuição na discussão acerca da memória, que é a relação entre identidade e memória, na qual se destacam as fronteiras de pertencimento e o sentimento de coerência. Pollak (1992) elenca três elementos constitutivos da identidade: os “acontecimentos”, as “pessoas e personagens” e os “lugares” da memória. Os acontecimentos se dividem entre os “vividos pessoalmente” pelos sujeitos e os “vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente perceber” (POLLAK, 1992, p. 201). Esses últimos são os acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas tomaram tamanha amplitude diante da construção da memória coletiva que no “fim das contas, é quase impossível que ela (a pessoa) consiga saber se participou ou não” (POLLAK, 1992, p. 201).

Jacques Le Goff (1994) também pontua a relevância dessa relação. De acordo com o teórico, memória é:

[...] um elemento essencial do que se costuma chamar identidade individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia. Mas a memória coletiva é, não somente uma conquista é também um instrumento e um objeto de poder (LE GOFF, 1994, p. 476).

Assim como Schmidt e Mahfoud (1993), Pollak (1992) insiste em apontar a construção da memória como uma tática utilizada por agentes e agências sociais para ancorar identidades, pois há, segundo o autor, uma “ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade” (POLLAK, 1992, p. 204).

Portanto, a memória construída no presente, a partir de necessidades apresentadas por este e não necessariamente pelo passado em si, pode ser refletida como fator essencial para a construção de uma identidade para o agente social nela envolvido. Assim, se pensarmos a relação entre memória e identidade a partir de um grupo de agentes e agências sociais, com seus caminhos e interações, e não como uma realidade dada e naturalizada, mas com um processo de permanente construção e desconstrução, podemos perceber o quanto o papel dos agentes dentro desse grupo, ou seja, a construção de suas memórias é claramente constitutiva de identidades individuais e coletivas.

Para Woodward (2000, p. 12), a “redescoberta do passado é parte do processo de construção de identidade, uma vez que é por meio dos antecedentes históricos que as identidades também se estabelecem”. Isto significa que a simples busca de elementos do passado para afirmar identidades, pode produzir novas identidades.

Pollak (1992) corrobora a relação entre construção da memória e a construção da identidade ao ressaltar que “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, na medida em que ela é também um fator importante do sentimento de continuidade e de coerência do grupo em reconstrução em si” (POLLAK, 1992, p. 204).

Nessa perspectiva, é possível perceber que existe uma relação direta e explícita entre a construção da memória e a construção da identidade. Uma vez que, em linhas gerais, a memória é o elemento legitimador da identidade, é um referencial norteador na construção de identidades.

Algumas considerações

Através das transformações socioeconômicas que sofre a região da Chapada Diamantina-BA, principalmente a comunidade quilombola Remanso-BA, fica cada vez mais latente o diálogo com novas culturas no seio da sociedade remansense, o que justifica a luta de seus membros, com o apoio da Associação Grãos de Luz e Griô, em revitalizar raízes culturais da região. Diante do exposto, consideramos que revitalizar a tradição da população mais antiga, através de seus acervos particulares, e de seus relatos orais, se faz cada vez mais necessário.

Ouvir os mais velhos e reconhecê-los como fonte de memória é cuidar da própria história da comunidade. É valorizar aqueles que formaram este povo tão guerreiro e orgulhoso de suas conquistas. Não se trata somente de guardar os casos na memória coletiva, mas também de afirmar a importância daqueles que fizeram a experiência e depois a comunicaram. Vemos, portanto, uma preocupação com a própria história da comunidade, que também é a história individual de cada um deles.

As narrativas permitiram compreender a ligação entre memória coletiva e o ato de narrar que se revelaram no modo como cada sujeito fala da sua experiência e também da experiência de vários outros que compõem o arsenal de sua referência na vida social da comunidade. Nessa situacionalidade, foi possível evidenciar os diferentes modos de viver, partilhar e construir experiências na pedagogia grão, que emergem das relações que a comunidade estabelece como princípios fundamentais de usar a oralidade para construir um conjunto de conhecimentos que se ressignificam na vivência da comunidade.

Conforme constatado nas narrativas orais de moradores de Remanso, essas pessoas aprendem fazendo, praticando, decidindo coletivamente, convivendo, participando politicamente das decisões de sua comunidade, trabalhando, gerando o sustento da família; plantando, colhendo, recebendo os filhos que vêm de fora, anualmente. Sendo assim, o que move a comunidade estudada – entre tantas outras – são elementos básicos que fazem parte do seu cotidiano: o trabalho, que está presente na vida de todos, mesmo com a idade avançada apresentada pela maioria dos moradores; a família que é a base e estrutura que os une por meio dos vínculos afetivos, do grau de parentesco e da relação de compadrio existentes entre si; o território, que é o lugar em que vivem desde que nasceram e que representa para eles o seu passado, presente e futuro; a escola, representando o único espaço para a aquisição da cultura letrada; e a religião, cultuada por meio das crenças e espiritualidade de cada um.

Sendo assim, é na tradição que a comunidade quilombola Remanso-BA se apoia, tradição mantida basicamente pela oralidade. A pouca leitura e pouca coisa escrita sobre eles não os impede de se considerar como um povo tradicional, apesar do contato com outras culturas e diversas formas de comunicação. Tradicional não no sentido de velhos em história, ou porque é um povo remanescente quilombola, mas porque possui forma própria de organização social, ocupa e usa território tradicional, além de recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, se utiliza de conhecimentos, inovações e práticas geradas e transmitidas por uma tradição reforçada pela oralidade.

Sendo um grupo de moradores que trabalha, que luta junto, que festeja junto, que relembra fatos antigos para preservar a memória dos antepassados, que possui modos próprios de conduzir sua vida e de entender o mundo, é do orgulho de serem tradicionais que nasce o desejo de guardarem certos aspectos culturais partilhados pela comunidade. Na comunidade, as histórias se confundem, não se sabe o que é história pessoal, coletiva ou comunitária. Eles usam da tradição para se afirmarem, não precisam consultar um livro de história para saber quem são, de onde vieram, o que fizeram. Os livros podem até contribuir, mas é no convívio diário que se descobre isso.

Apesar de ser considerada uma comunidade tradicional, não podemos esquecer que esta comunidade não representa uma comunidade isolada, principalmente, por ter acesso aos meios de comunicação. No caso de Remanso, a comunicação e a cultura se processam em regimes de oralidade predominante, sendo que a oralidade como principal veículo de comunicação, se apresenta como fator determinante para a construção de uma cultura oral, ou seja, a predominância da oralidade como processo comunicacional contribui significativamente para as vivências culturais oralizadas.

No tocante ao papel da escola em um cenário que envolve as peculiaridades de uma comunidade quilombola, consideramos que a mesma, avaliada por muitos como a principal maneira de se adquirir conhecimento, não deve se distanciar da

sua cultura, das suas tradições, da sua maneira de pensar e das suas práticas, uma vez que, tradição cultural ainda resiste no cotidiano destas populações, acreditando na possibilidade de sobreviver respeitando os costumes e a cultura do passado e os valores ancestrais, procurando estratégias de desenvolvimento baseadas nestes valores.

Referências

ASSOCIAÇÃO GRÃOS DE LUZ E GRIÔ. **Memória popular e reflexão**. Lençóis, 2004.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2004.

BARZANO, Marco Antônio Leandro. **Griô: dobras e avessos de uma ONG-Pedagogia-Ponto de Cultura**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2013.

BENJAMIN, Walter. O Narrador. In: **Obras escolhidas I: Magia e técnica, arte e política**. 10. ed. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A cultura na rua**. Campinas, SP: Papyrus, 1989.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Literatura Oral no Brasil**. 3ed. Belo Horizonte: Itatiaia & Editora da Universidade de São Paulo, 1984.

CERTEAU, Michel; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano: morar, cozinhar**. Tradução de Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

CORACINI, Maria José; GHIRALDELO, Claudete Moreno. **Nas malhas do discurso: memória imaginário e subjetividade. Formação de professores (línguas materna e estrangeiras), leitura e escrita**. Campinas: Pontes, 2011.

COUTINHO, **Representações sociais e práticas de pesquisa**. João Pessoa: UFPB, editora universitária, 2005.

DAMATTA, Roberto. **Relativizando: uma introdução à Antropologia Social**. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1986.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. Rio de Janeiro: Record, 1999.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

KLEIMAN, Ângela B. (Org.). **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado das Letras, 1995.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão (et al.). Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1994.

MATOS, Gislayne Avelar. **A palavra do contador de histórias**: sua dimensão educativa na contemporaneidade. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 2005.

MINAYO, M.C (org.), et al. **Avaliação por triangulação de métodos**: abordagens de programas sociais. Rio de Janeiro: editora Fiocruz, 2005.

MIZIARA, Karina Braga. **Quem conta um conto, encontra um ponto**: um estudo fenomenológico da experiência de contar histórias como forma de enraizamento. 2005. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

MOLL, Jaqueline. **Histórias de Vida, histórias de escola**: Elementos para uma pedagogia da cidade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n 10, p. 7-28, dez. 1993.

OLIVEIRA, Paulo de Salles, **Vidas Compartilhadas**: Cultura e co-cultura de gerações na vida cotidiana. São Paulo: Hucitet; Fapesp, 1999.

PACHECO, Líllian. **Pedagogia griô**: a reinvenção da roda da vida. Lençóis: Grãos de Luz e Griô, 2006.

PACHECO, Líllian; SANTINI, Alexandre. **Grãos de Luz e ação Griô**: articulação, formação, patrimônio, identidade, as tradições da oralidade na cultura brasileira. Almanaque Cultura viva, 2010.

PACHECO, Líllian. Lei Griô: a vez e a voz da cultura popular. **Revista Presente**. Ano 16, p.57. Editora Loyola, São Paulo, 2008.

PETROVICH, Carlos; MACHADO, Vanda. **IrêAyó**: mitos afro-brasileiros. Salvador: EDUFBA, 2004.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

RONDELLI, Beth. **O narrado e o vivido**. Rio de Janeiro: FUNARTE/IBAC, 1993.

SCHMIDT, Maria Luisa S.; MAHFOUD, Miguel. Halbwachs: Memória Coletiva e Experiência. **Psicologia USP**, 1993.

SENNA, Ronaldo. **Jarê**: uma face do candomblé: manifestação religiosa na Chapada Diamantina. Bahia: Ed. UEFS, 1998.

SILVA, Denise Guerreiro Vieira da; TRENTINI Mercedes. Narrativas como técnica de pesquisa em enfermagem. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, v. 10, n 3, maio/jun. 2002.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von, org. **Os Desafios Contemporâneos da História Oral**. Campinas: Área de Publicações CMU/Unicamp, 1997.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: **Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis Vozes, 2000.

ZUMTHOR, Paul. **A Letra e a voz**: a “literatura” medieval. Tradução Amálio Pinheiro, Jerusa Ferreira, São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

Enviado em: 12/outubro/2018

Aprovado em: 03/abril/2019

Ahead of print em: 27/outubro/2019